

O narrador e a história inacabada

Sérgio Ferreira da Silva

Conta-se que, em um dia de beleza indescritível, um narrador foi abandonado nas páginas de uma história inacabada. O autor que o concebera, vitimado por um bloqueio criativo, havia mudado diversas vezes o enredo, o desenvolvimento, o espaço e a ambientação, mas não via consistência nas personagens (tanto as personagens planas, aquelas descritas superficialmente, que desempenham papéis específicos na história - como o carteiro que traz a carta que revela um segredo importante; quanto as personagens esféricas, descritas com riqueza de detalhes e que desempenham função determinante na trama - como são o vilão e o herói). A lógica interna, então, pecava no quesito fundamental, a verossimilhança, a aparência de verdade, que fundamentalmente é o que faz o leitor acreditar no que é contado.

“Ora! - pensou o autor - Talvez seja por isto que eu seja um perfeito fracasso!” - engraçado: “perfeito fracasso”, se é “perfeito” não é “fracasso”. Um fracasso perfeito é um sucesso, em termos de fracasso. Viajei. Melhor continuar...

Convenceu-se de tal sorte de sua própria irrelevância e incompetência, que abandonou por completo a escrita criativa e passou a publicar ensaios e críticas literárias. Resultado: fez um sucesso estrondoso! Sua natural e minuciosa disposição crítica (que, até então, operava contra o seu próprio trabalho) fez prosperarem seus artigos e resenhas. Seu sucesso ocasionou a destruição de diversas carreiras promissoras e foi, assim, muito feliz, até o resto de seus dias. Morreu assassinado, como era de se esperar e seu executor, um “ghost writer”, permanece desconhecido.

Voltando à narrativa inicial, viu-se o narrador sozinho, tendo à sua frente um enorme espaço em branco, impresso em

suas retinas narrativas, única imagem possível, dada a abrupta interrupção da história.

Só lhe restara aquele dia de beleza indescritível...

Ele, então, olhou para as reticências, logo após a palavra “indescritível” e pensou: “O que fazer agora?”. Tentou até reelaborar: “Como posso resolver esta situação inusitada?”. Olhou para trás, para reler suas reflexões, mas elas, por falta de um autor, não foram grafadas. Nem lembrava mais delas. Concluiu que sua existência estava limitada, apenas, ao que estava registrado no papel. Refletiu: “Eu sou muito bom em descrever as coisas, em ordenar os acontecimentos, contar com riqueza de detalhes o que se passa na mente das personagens... Mas fui abandonado, feito um fantoche, justamente, em meio a um dia de ‘beleza indescritível!’”

Ele era o que os teóricos chamam de narrador-personagem, mas não sabia disto. Tinha plena consciência de que, como estava pensando, o conteúdo de seus devaneios, obrigatoriamente, deveria estar entre aspas duplas e que a expressão “beleza indescritível”, no contexto de sua última manifestação, só poderia ser disposta entre aspas simples. “Intrigante” - ruminou. Mas, nada disto foi eternizado na folha em branco.

Pensou em retornar, voltar alguns parágrafos e, desta forma, entender as motivações do autor. Mas, isto levaria a uma confusão maior ainda, porque envolveria as personagens e ele mesmo, em suas manifestações anteriores. Um verdadeiro paradoxo, que não ajudaria em nada, afinal, espera-se que toda história caminhe para algum desfecho.

“Foda-se!” - pensou, mas arrependeu-se em seguida, porque imaginou que sua história, com um palavrão inserido no contexto, seria barrada em qualquer livro didático de língua portuguesa. Uma pena, porque o texto em si trabalhava elementos importantes para a compreensão da estrutura narrativa e da teoria literária em geral.

“Foda-se! Já pensei, tá pensado!” - pensou.

Decidiu, então, retornar ao início da história, mas...

“Epa, opa, epa!” - pensou, aqui, em uma linguagem mais coloquial - “Nas narrativas primordiais, aquelas que serviram de base para a elaboração de clássicos da literatura infantil, o herói percorre um caminho muito parecido com o meu: uma vida que, a princípio transcorre sem maiores atribuições, cujo equilíbrio é quebrado por algum evento danoso, após o que o herói perde algum objeto mágico, ou uma condição pessoal (vira um sapo, é expulso do reino, perde os pais etc.). Na sequência, é obrigado a fazer uma viagem que, na maioria das vezes o leva a conhecer novos aspectos da vida, ou de sua própria condição. Ao final, o herói vence os obstáculos, torna-se uma pessoa melhor e recupera algum objeto ou condição inicial, que o torna feliz para sempre. Na maioria das vezes, as histórias primordiais serviam para complementar a educação dos jovens e incutir-lhes conceitos da moral média de uma determinada população ou classe social.”

“Fodeu de vez!” - agora, seu pensamento não tinha mais censura - “Se eu fizer o caminho de volta, estarei fazendo o mesmo caminho dos heróis clássicos, mas eu já conheço este esqueminha! Entendi, agora, porque o Ítalo Calvino disse algo como ‘A primeira leitura de um clássico é, sempre, uma releitura’. Filho da puta! Não tenho como escapar: se eu voltar, faço o percurso do herói e chego ao mesmo lugar a que todos os heróis chegaram: ao início! Uma armadilha, que me faria legitimar tudo que venho questionando, ou seja, uma história inacabada, que, na verdade, não é inacabada coisa nenhuma. O que parecia perdido era exatamente o que me faria iniciar uma jornada de reconquista, rumo a um começo que, na verdade, seria o final, para minha redenção, narrador onisciente, transformado em personagem esférica”.

“Não vou fazer porra nenhuma. Vou ficar aqui.” - pensou isto e, disposto a aceitar sua condição e existência meramente ficcional, sentou-se no último ponto que compunha as reticências daquele dia de beleza indescritível...